

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Matheus Meneses Tronquim

**Longboard Clássico:  
Um estudo sobre o surf no asfalto**

Campinas

2021

Matheus Meneses Tronquim

**Longboard Clássico:  
Um estudo sobre o surf no asfalto**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade estadual de campinas para obtenção do título de bacharel em Educação Física.

Área de concentração:

Orientador: Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior

Co-orientador: Prof. Dr. Wagner Xavier de Camargo

Campinas, julho de 2021

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

T753L Meneses, Matheus, 1996-  
Longboard clássico : um estudo sobre o surf no asfalto / Matheus Meneses  
Tronquim. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Edivaldo Góis Junior.  
Coorientador: Wagner Xavier de Camargo.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Esportes - Aspectos sociais - História - Brasil. 2. Skate - Aspectos sociais.  
3. Skate - Brasil - História. 4. Longboards. I. Góis Junior, Edivaldo. II. Camargo,  
Wagner Xavier de. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação Física. IV. Título.

Informações adicionais complementares

**Título em outro idioma:** Classic longboard: a study about surf on asphalt

**Palavras-chave em Inglês:**

Sports - Social aspects - History - Brazil

Skate - Social aspects

Skate - Brazil - History

Longboards

**Titulação:** Bacharel

**Banca examinadora:**

Samuel Ribeiro

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 30-06-2021

Matheus Meneses Tronquim

**Longboard Clássico:  
Um estudo sobre o surf no asfalto**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade estadual de campinas para obtenção do título de bacharel em educação física.

Área de concentração:

Campinas, 10 de julho de 2021.

Banca Examinadora:

---

Dr. Edivaldo Góis Junior - Orientador (UNICAMP)

---

Dr. Wagner Xavier de Camargo - Co-orientador (UFSCar)

---

Ms. Samuel Ribeiro - Membro Interno (UNICAMP)

## DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho de conclusão de curso a todos aqueles que, de alguma forma, sentem bem o bastante para procurar por aquilo que não está visível aos olhos humanos. Os que buscam o conhecimento científico e estruturado que liberta mentes e instrui os corações. A todos aqueles que enxergam a vida com a alma e vêem a beleza do presente em cada momento da vida. Aos que contemplam a arte, a educação, a ciência e o movimento. Aos surfistas e skatistas que, em busca da onda certa, acordam mais cedo e colocam suas pranchas na “água” sem desperdiçar um segundo sequer daquele momento.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e à minha família, por sempre estarem ao meu lado nos momentos mais difíceis. Agradeço, principalmente, por todo apoio prestado e fornecido por eles, que me permitiu realizar este grande sonho.

Agradeço a todos os amigos que pude fazer e encontrar nestes anos de graduação, todos foram excepcionalmente incríveis.

Igualmente, agradeço aos professores orientadores deste trabalho, Edivaldo Góis e Wagner Xavier de Camargo, por me darem suporte acadêmico necessário no tempo em que foi possível. Aos professores e às professoras da Faculdade de Educação Física (FEF), meu reconhecimento pelos esforços que me permitiram aprender a aprender, sempre me mostrando que necessitamos desconfiar de nossas certezas. Se palavras descrevessem tudo que sinto, “gratidão” definiria perfeitamente o sentimento em sua maior parte, ou, como se diria no Hawaii, “mahalo!”.

Obrigado pela confiança no meu trabalho, pelo respeito, pela compreensão e pelos ensinamentos transmitidos por todos os professores, mestres e doutores da FEF-Unicamp.

Viva com bondade na terra  
Pense com bondade, como um lago  
Conviva com bondade, como irmãos  
Fale com a bondade de quem tem palavra  
Governe com a bondade de quem tem  
ordem  
Realize com a bondade de quem é capaz  
Aja com bondade todo o tempo  
Não dispute, assim não haverá rivalidade

Lao Tzu, *Tao Te Ching*, p. 11

## RESUMO

O longboard clássico surgiu no final dos anos 1990 e tem sido praticado atualmente nos parques e ruas de São Paulo, Campinas e outras cidades, de todas as regiões econômicas do país. Em números, o esporte conta com muitos praticantes e campeonatos oficiais, num circuito que, cada vez mais, se torna parte do convencional esporte de competição. A proposta desta pesquisa é partir de fontes bibliográficas, históricas e documentais para analisar os motivos que levaram ao desenvolvimento e a atual esportivização da modalidade.

**Palavras-chave:** Esportes, História do Brasil, Skate, Aspectos Sociais, Longboards.

## ABSTRACT

The classic longboard emerged in the late 1990s and has been practiced nowadays in the parks and streets of São Paulo, Campinas and other cities, in all economic regions of the country. In numbers, the sport has many enthusiasts and official championships, in a circuit that, increasingly, becomes part of the conventional competitive sport. The purpose of this research is to start from bibliographic, historical and documentary sources to analyze the reasons that led to the development and the current sportivization of the sport.

**Keywords:** Sports, History of Brazil, Skate, Social Aspects, Longboards.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 -	Rafael Furloni, mais conhecido como “Moça”, pratica longboard na Unicamp.	29
Foto 2 -	Skatista no banks, Taquaral, Campinas.	31
Foto 3 -	Lucas Sid, Fotógrafo. “Tubos” na ladeira	32
Foto 4 -	Rogério Andriolli, Voltando do drop na ladeira G10 unicamp	33
Foto 5 -	Moça acertando um “ <i>back side slide</i> ” no longboard Clássico.	35
Foto 6 -	Juliano “Cação” na ladeira da Ondina, <i>walking</i> no clássico.	43
Foto 7 -	Pódio do Campeonato Brasileiro de longboard Clássico, São Pedro 2019.	44
Foto 8 -	Flyer do Campeonato Brasileiro de longboard downhill e dhs.	44
Foto 9 -	Rafael “Moça”, surfando o asfalto na Unicamp .	46
Foto 10 -	Juliano “Cação” Ladeira G10, manobra Side Walk.	46
Foto 11 -	Matheus Meneses, “Rasta”, na ladeira G10 Unicamp, 2019.	47
Foto 12 -	“Rasta” na Ladeira da Ondina, São Pedro, 09 novembro de 2019.	47
Foto 13 -	Matheus Meneses, manobra, <i>Hang ten</i> .	48
Foto 14 -	Juliano “cação” na ladeira G10 durante a pandemia covid 19.	50

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>TCC</b>	Trabalho de conclusão de curso
<b>UEMG</b>	Universidade Estadual de Minas Gerais
<b>G10</b>	Guarita 10
<b>DHS</b>	Downhill slide
<b>AASKC</b>	Associação de amigos do skate de campinas
<b>FEF</b>	Faculdade de educação física
<b>CBSK</b>	Confederação Brasileira de skate
<b>UNICAMP</b>	Universidade estadual de Campinas

## **Sumário**

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1.1. O longboard na trajetória do esporte moderno.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1.2. Compreendo as submodalidades do skate: abrindo espaço para o longboard.....</b>	<b>16</b>
<b>2. METODOLOGIA E SUAS PRESCRIÇÕES .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2.1. Técnicas de Pesquisa .....</b>	<b>20</b>
<b>3. NOS CAMINHOS DE UMA PRÁTICA: ENVOLVIMENTO PASSADO E PRESENTE .....</b>	<b>21</b>
<b>4.3.1. Considerações sobre as fontes .....</b>	<b>25</b>
<b>5.3.2. Outros documentos escritos .....</b>	<b>35</b>
<b>QUINTAL DO IPIRANGA .....</b>	<b>37</b>
<b>REGRAS PARA O LONGBOARD DOWNHILL CLASSIC.....</b>	<b>40</b>
<b>6.3.3. Fotos de profissionais .....</b>	<b>45</b>
<b>4. CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O *longboard* é uma atividade esportiva que partilha suas origens com o *skate*, ainda no século XX, entre as décadas de 1960 e 1980. No entanto, essa “variação”, se posso assim chamá-lo, tem ganho muito destaque nos últimos anos, particularmente com o aumento no número de praticantes e com as polêmicas relativas à participação do *skate* nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020. Além disso, há notória proliferação da prática urbana em cidades brasileiras, algo interessante a ser analisado.

O nome *longboard* vem da prancha, que é mais longa e larga, sendo que a modalidade tem vários subtipos: Banks, Bowl, Downhill Slide, Downhill Speed, Freestyle, Longboard Dancing, Megarampa, Mini Ramp, Park, Pool, Push Race, Slalom, Street, Vertical, Longboard Downhill, Longboard Classic. Essas submodalidades têm detalhes em suas práticas, que serão melhor detalhadas na parte final deste TCC. Todas as variações podem ser encontradas e estão registradas no site da Confederação Brasileira de Skate (CBSK).<sup>1</sup>

O “*longboard* clássico” é uma variante bastante representativa do *skate*, que tem se desenvolvido no Brasil. É sobre ele que esta pesquisa debruçou-se, visto que sua especificidade fascina à medida em que ganha adaptações e usos frequentes e interessantes. Por exemplo, a cidade de Campinas é conhecida como o “berço” do *longboard* clássico e isso é algo relevante para uma ser aproveitado como ponto inicial de investigação

Ele também é chamado “surf urbano”, ou ainda, “surf no asfalto”, pois há a referência ao movimento do surf, como se os praticantes estivessem surfando, algo recorrente nas movimentações corporais. No Brasil, a atividade vem se incrementando desde os anos 1990, e ainda está em processo de esportivização. - logo a seguir desenvolvo essa noção.

Pela ausência de trabalhos que tratam do fenômeno *longboard* propriamente dito, há que se compreendê-lo, primeiro, dentro do contexto das práticas corporais de rua e, segundo, no cômputo dos estudos sobre *skate* e derivações (*sandboard*, surf, entre outras). Além disso, há que se entendê-lo também por parte de quem o pratica, ou seja, pessoas jovens em sua maioria. Abre-se, portanto, uma frente analítica para pensar a juventude.

---

<sup>1</sup> Tal Confederação está hospedada no site <<http://www.cbsk.com.br/>>.

Importante mencionar que, pelo ineditismo do tema, o que este TCC tem como proposta mais ampla é registrar a trajetória do *longboard*, a partir de seus praticantes locais (Campinas e região), e para isso inicia uma tessitura entre Antropologia e História. No entanto, por questões de tempo e de arregimentação do trabalho, não foi possível uma discussão teórica aprofundada sobre a relação dessas duas disciplinas.

Um dos pesquisadores que tem se dedicado a compreender o *skate* no contexto de práticas corporais e esportivas urbanas é Giancarlo Machado, formado pela Universidade de São Paulo e atualmente docente da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG). Segundo ele, muitas vezes os equipamentos urbanos não estão adequados para a prática do *skate* (a despeito de skatistas os utilizarem livremente) e, por isso, o poder público o considera uma modalidade que necessita de regulamentação (MACHADO, 2012).

Em seu estudo etnográfico “andando de carrinho” pela cidade, ele encontra interlocutores, que querem falar sobre os significados da modalidade: “A rua é praticamente a minha segunda casa. Mesmo se for para uma pista, o cara que anda de skate mesmo, vai mandar manobra na rua [...]. Eu acho que a rua é a segunda casa de todo skatista, ou pelo menos da maioria (Alexandre ‘Nicolau’)” (MACHADO, 2012, p. 11).

Essa abordagem metodológica adotada por Machado também o será dentro desta pesquisa, visto que a etnografia é capaz de oferecer detalhes sobre práticas ou costumes, que não estão sistematizados em outros lugares, como é o caso do *longboard*.

A rua é a casa desses skatistas estudados por Machado e ela também é o cenário acolhedor dos praticantes de *longboard*. Para entender um pouco mais os registros dessas práticas, este trabalho terá como fontes documentais vai lançar mão de material em jornais locais, onde serão observados os usos corporais e vivências na modalidade do autor deste trabalho. A ideia é evidenciar experiências e narrá-las de um ponto de vista etnográfico (descritivo), além de trazer e apresentar documentos os registros (fontes) sobre para mostrar uma história em construção

### **1.1. O longboard na trajetória do esporte moderno**

O *longboard* clássico é praticado com utensílios de proteção, como joelheiras, capacetes, cotoveleiras e luvas, materiais bastante comuns e fáceis de serem encontrados.

Como autor deste projeto de pesquisa e, igualmente, praticante da modalidade, pretendo estudá-la a partir de duas perspectivas:

1) suas “perspectivas” via assimilação cultural desenvolvida no Brasil: isso será importante para entender quais foram as transformações culturais que sofreu (e que provocou) no aspecto antropológico.

2) uma descrição da modalidade *longboard* clássico e seu desenvolvimento na cidade de Campinas.

Em uma perspectiva historiográfica, cabe uma reflexão em diálogo com o historiador Jacky Goody (2008, p. 15), pois segundo ele: “[...] é necessário um pensamento mais crítico para combater o inevitável caráter etnocêntrico em qualquer tentativa de descrever o passado ou o presente do mundo”, e isso nos informa que não podemos tomar a história da Humanidade construída a partir de qualquer etnia, principalmente as de origem europeia. Para analisarmos a história do *longboard* clássico, por conseguinte, precisamos compreender que é preciso olhar a história a partir da base e não de cima para baixo, como afirma Goody (2008).

O autor também explica que “é necessária a consciência de que até mesmo a espinha dorsal da historiografia - a localização dos fatos no espaço tempo - é variável, objeto de construção e por isso sujeito a mudança” (GOODY, 2008, p. 15). Portanto, defendemos que as formas pelas quais o *longboard* clássico surge são diversas e diferenciadas, e assim caberia um estudo da esportivização do *longboard* clássico e suas formas de sobrevivência na conquista do espaço social, em Campinas e São Paulo.

Apenas para lembrarmos, Norbert Elias (1992, p. 192) destacou algo importante sobre (d)esportivização como um fenômeno inter-relacionado ao desenvolvimento do esporte moderno:

Se falarmos de ‘desportos’, todavia, continua a empregar-se o termo de maneira indiscriminada, quer num sentido lato, em referência ao confronto de jogos e aos exercícios físicos de todas as sociedades, quer num sentido mais restrito, em relação ao tipo específico de práticas de jogos que, como o próprio termo, teve origem na Inglaterra e daí se propagou a outras sociedades. Este processo - podíamos designá-lo por ‘desportivização’ das competições e jogos, se isso não soasse de uma forma tão pouco atraente [...]

Podemos dizer que, assim como o skate passou por um processo de esportivização e, inclusive, foi cooptado pelo universo dos esportes olímpicos, o mesmo tem acontecido com o longboard, em suas práticas, nos espaços citadinos, nos parques e em várias outras partes. Claro que, entre as duas modalidades há grande diferença e nem defendo que o longboard siga a trajetória do skate, esportivizando-se “olimpicamente”, porém cada vez mais é flagrante o grande número de pessoas jovens praticando o “surf do asfalto”.

Contudo, em que pese haver um lastro de ligação entre o longboard como manifestação do esporte moderno e potenciais significados na inter-relação com o skate, é preciso entender que ele é peculiar no que se propõe e no modo como se apresenta. Ao mesmo tempo em que pode-se imaginar que haja uma “distinção de classe” (BOURDIEU, 2007), pois encontram-se jovens brancos de classe média praticantes de longboard, vê-se também outros adolescentes pardos ou negros se apropriando de tais práticas, mesmo porque elas vêm na esteira das expressões culturais que eles carregam - como o hip-hop, o reggae, o rock pesado e outras rítmicas. Como o próprio Machado também encontrou no skate nos espaços da cidade São Paulo:

Tiago Lobo considerou essa mediação bem-sucedida e exemplo para que outros skatistas consigam seus objetivos perante o poder público. Além de tudo, construir uma pista no bairro Sumaré, região considerada “de rico” pelos skatistas, é uma prova de que o skate deixa parte de seu lado ‘marginal’ ao promover, de acordo com o ponto de vista deste interlocutor, uma integração social” (MACHADO, 2012, p.7).

Portanto, a partir do que foi dito, faz-se possível repensar a história do esporte, relativizando-a quanto às origens e influências, e no tocante aos grupos que o expressam. Não tem como falar de esportes no Brasil sem se referir ao futebol, uma monocultura esportiva que influencia as vidas cotidianas. Uma figura controversa seria Charles Miller, o inglês que acabou trazendo o futebol para o Brasil. Ele foi colocado como “o responsável” e, por isso, foi endeusado como referência, tendo sido a ele também atribuída uma “paternidade” da modalidade em solo nacional. Porém, pesquisas já mostraram que havia uma prática similar

da modalidade no país, e mesmo formas de jogar, que se assemelhavam ao do esporte inglês (GAMBETA, 2015).

Outra referência vinculada ao longboard é o surf, um esporte praticado por várias pessoas ao redor do mundo e por diversas etnias, muito apreciado, tanto por atletas amadores, quanto por profissionais (FORTES, 2011). Das pranchas do mar às “pranchas do asfalto”, o *skate* e mesmo o *longboard* têm ganhado muitos adeptos, seja para práticas e manobras em momentos de lazer, ou ainda, em arenas profissionais valendo premiação.<sup>2</sup>

Como uma vivência de lazer e de aventura, o longboard é uma prática que envolve risco (BANDEIRA, 2015) e que atrai muitos jovens. Com a meta de contextualizar tais vivências, entrelaçadas às minhas enquanto praticante, surgiu a ideia de estudar melhor essa temática. Eis que emergiu, portanto, a proposta desta pesquisa.

## 1.2. Compreendo as submodalidades do skate: abrindo espaço para o longboard

Neste item gostaria de detalhar a divisão das submodalidades do skate. Elas são importantes para entender como a modalidade se configura (e mesmo se reestrutura) por dentro, a partir de uma manifestação de uma expressão corporal que acontece sobre as pranchas, nos mares asfaltados das cidades.

Então se pode assim dividi-las:

- *Megarampa*: O nome já fala por si só, isto é, uma rampa de 27 metros de altura e os skatistas atingem até 80 km/h de velocidade.
- *Park*: *skate park* é a combinação de várias modalidades do skate como half-pipes, banks e bowls. Com inclinações verticais, corrimão, e obstáculos, esta modalidade permite ao skatista realizar sua linha de manobras com o máximo de fluidez.

---

<sup>2</sup> A premiação nem sempre é igual em todos os torneios disputados, mesmo os mais profissionais. Ou seja, muitas vezes podem ser roupas de dada grife, bonés ou óculos, demais equipamentos esportivos e mesmo dinheiro vivo. Como o longboard ainda está em processo de estabelecimento enquanto uma prática esportiva em vias de se tornar, talvez, um esporte midiaticizado, essa despadronização ainda acontece.

- *Pool*: Modalidade do skate que é praticada em piscinas de fundo de quintal, sem água. A modalidade Bowl é inspirada nesta prática do skate pool.
- *Push Race*: A corrida de skate, esta modalidade dispensa rampas, gaps e outros obstáculos. É baseada em remadas e consiste apenas em quem consegue chegar primeiro no final do percurso.
- *Banks*: modalidade caracterizada pela pista, onde os skatistas andam dentro de uma “piscina” com possibilidade de manobras aéreas iguais às do surf, porém com paredes menores que as de um bowl, que varia entre 3 e 4 metros. O longboard pode ser praticado tanto em bowls como em banks, diferenciados apenas pelo tamanho das paredes da piscina.
- *Longboard Downhill Slide*: é definido pela descida em ladeiras, em velocidade e também com manobras de giro (normalmente agressivas) conhecidas como *slides*. Possuem variações em seu estilo, como *frontside slide*, *backside slide*, *noseslide* e *tailslide*, todas elas são manobras de grande dificuldade e que proporcionam muito estilo a prática, impressionando audiências (e mesmo praticantes) pela extrema velocidade e as “rasgadas” no asfalto.
- *Freestyle*: Modalidade onde o skatista apresenta vários movimentos em sequência, geralmente no chão. O freestyle é considerado uma das primeiras modalidades do skate, na qual os skatistas fazem manobras de chão, em sequências com kickflip, 360 flip, heelflip, hardflip, sem obstáculos<sup>3</sup>.
- *Downhill Speed*: modalidade do longboard na qual os atletas precisam atingir a maior velocidade e o melhor tempo durante a descida, seja ela onde for. Em geral, pode-se chegar a 100 km/hora numa descida radical, particularmente atingida por algum atleta com mais experiência.

---

<sup>3</sup> Informações: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Skate>

- *Dancing*: se caracteriza pelo atleta fazendo movimentos semelhantes a uma dança (como *walking*<sup>4</sup> e giros com o corpo em cima da prancha). Pode-se dizer que é a simulação de uma dança em cima da prancha de *longboard*.
- *Slalom*: é a modalidade na qual os skatistas descem entre cones no movimento de zig-zag e precisam fazer o melhor tempo durante a descida.
- *Mini Ramp*: é uma variação dos *half-pipes*, mas não possuindo vertical e com altura até 2,50 m. Assim como o *banks*, é uma das modalidades mais democráticas do skate, pois é praticada por adeptos de *Street*, *Vertical*, *Banks*, *Longboard* e *Downhill*, também por crianças, jovens e adultos.
- *Longboard Street*: é a prática onde o skate e o longboard mais se aproximam, com manobras como Ollie, kickflip, heelflip e outras movimentações características desta modalidade em ambos os esportes.
- *Vertical*: é uma modalidade muito popular, na qual o atleta anda de skate em uma “pista” chamada *half*, que seria a “metade” (*half*) de um círculo. Há grande adesão por parte de todas as pessoas, tanto homens quanto mulheres.
- *Longboard classic*: entra como modalidade oficial pela CBSK em 2012, e começa ganhar espaço dentro do esporte olímpico, uma submodalidade que além de divertida é cheia de estilo e fluidez em sua prática. As pranchas de 1,50 m, quando estão em movimento na ladeira, impressionam com sua elegância e agressividade durante a descida. Não é para qualquer um, de fato! A dedicação e treinamento são essenciais para o longboard clássico, mas todos podem começar. Basta dar o primeiro passo! ou melhor, remada!

---

<sup>4</sup> Para saber mais detalhes, ver mais em <https://oglobo.globo.com/ela/conheca-longboard-dancing-modalidade-que-mistura-danca-skate-e-aposta-do-verao-2020-1-24108991>.

## 2. METODOLOGIA E SUAS PRESCRIÇÕES

A proposta deste trabalho de conclusão é constituir um corpo documental, a partir de fontes marcadamente constituídas pela mídia impressa, em particular, jornais e revistas, que dão conta de uma prática relativamente nova, que é o longboard clássico. Elas serão apresentadas a seguir. No entanto, vou me aproveitar de uma descrição de eventos esportivos (nos quais também estive presente) para que tais fontes sejam contextualizadas no fenômeno em crescimento, que é a proliferação da modalidade em nível regional (Campinas/São Paulo).

A etnografia será a base teórica para a organização de um tipo de descrição detalhada (ou *densa*, como prefere Clifford Geertz, 2011) é a etnografia. Etnografia é utilizada em contextos de pesquisas antropológicas propriamente ditas, o que não é o caso desta. Porém, tudo aqui se aproxima de uma experiência antropológica (pois também faço parte da expressão corporal e esportiva em análise) e a *falação* sobre o longboard é algo que caracteriza o grupo que o pratica.

Pode-se dizer que a origem deste método está nos procedimentos de investigação de antropólogos do início do século XX, que viajavam a lugares distantes do planeta para estudar o que consideravam “exótico”, ou descreviam populações autóctones ou consideradas “povos primitivos”. Bronislaw Malinowski foi um desses. O polonês escreveu uma obra que ficou registrada como o marco da antropologia moderna: *Os Argonautas do Pacífico Ocidental* (1978). Como explica Eunice Durham (1978, p. VI): “com a publicação, em 1922, de *Os Argonautas*, Malinowski não realizou apenas uma adição, embora substancial, à etnografia da Melanésia, mas procedeu a uma verdadeira revolução na literatura antropológica”.

A partir dele, uma nova concepção surgiu e contrapôs o que se conhecia como “antropologia de gabinete”, ou seja, uma ciência descritiva que elaborava hipóteses sobre a vida nativa a partir de relatos de outros viajantes. Malinowski joga luz sobre algo novo, o trabalho de campo, que se caracterizava em ir até o local e fazer pesquisas com pessoas, tentando entender seus pontos de vista (DURHAM, 1978).

Muita coisa aconteceu na esteira de desenvolvimento desta disciplina acadêmica ao longo do século XX e da metodologia da etnografia. No entanto, algo se manteve: o foco em tomar o outro a partir de suas narrações sobre si, sua vida e suas práticas. Nesse contexto, sou praticante de longboard, mas também sou alguém que realiza um TCC, ou um pesquisador

em potencial e vou aproveitar esse lugar para complementar a análise em curso. Portanto, quando narrar aqui eventos e a participação nele, vou tentar transformar o “familiar”, aquilo que conheço, em “exótico”, aquilo que me é estranho (DE OLIVEIRA, 1996) para compreender os significados simbólicos das práticas do longboard.

## 2.1. Técnicas de Pesquisa

Essa tendência etnocêntrica é extensão de um impulso egocêntrico na base de grande parte da percepção humana e se realiza pelo domínio de fato de muitas partes do mundo. Eu vejo o mundo necessariamente com meus olhos, não com os olhos dos outros (GOODY, 2008, p. 15).

Alinhado à minha descrição etnográfica, penso ser importante relacionar as fontes de pesquisa consultadas. Logo a seguir faço considerações sobre elas e as apresento para que elas possam complementar o registro descritivo aqui pretendido. Haverá, igualmente, uma contribuição para o campo da história das práticas esportivas, de um ponto de vista da questão cultural enfocada: afinal, se esse ramo da História é pouco desenvolvido (VAMPLEW, 2013), o das culturas esportivas skatistas também o são (mesmo no Brasil).

Em termos de técnicas de coleta de informação, utilizei a consulta bibliográfica, disponível em sites e mesmo na Biblioteca da Faculdade de Educação Física, como também leitura de fontes escritas originais (jornais), que registraram fatos importantes relativos à modalidade.

Ainda usarei de outros recursos, como artigos, livros e blogs pessoais de praticantes para a produção deste estudo. Também coletei alguns dados de diário de bordo, onde tive a experiência de participar do Campeonato Brasileiro de Longboard, em São Pedro. Igualmente vou apresentar algumas fotografias (profissionais) do registro da atividade competitiva.

Como diz Tânia De Luca (2008, p. 113), ao citar Michel de Certeau: “o historiador não é mais um homem capaz de construir um império. Nem visa mais o paraíso de uma história global. Ele chega a circular em torno das racionalizações conquistadas. Ele trabalha nas margens. Sob esse aspecto, ele se torna um erradio”. No papel de “historiador do esporte”, tentarei olhar as margens e tecer considerações a partir de alguns prismas.

O trabalho de um pesquisador na área de história da Educação Física é bastante desafiador, particularmente porque o trabalhar com fontes (e, dentre elas, revistas antigas, documentos, papiros, encíclicas ou ainda regulamentos considerados fundantes de dado campo esportivo) é algo excepcional para alguém formado na carreira de Educação Física. Como mencionou Carla Pinsky (2008), são fontes tomadas a partir de abordagens, técnicas e métodos bastante diversos.

Aqui quero apresentar as fontes pesquisadas, em jornais locais e, a partir desta apresentação, trabalhar na análise das mesmas. Inspirado nas explicações de De Luca (2008), ressalto que a escolha de um jornal como objeto de estudo se justifica por entender a imprensa com múltiplos interesses (mesmo que seja um folhetim do bairro). Ela não apenas atua no social, relatando-o, como também tem uma relação ambígua com ele, dele se desdenhando em alguns momentos. Trato os folhetins citados aqui não somente como “veículo de informações”, transmissores imparciais e relatores de fatos ou feitos, mas imbricados com as questões sociais, políticas, ideológicas e de mesmo esportivas, que os envolvem.

### 3. NOS CAMINHOS DE UMA PRÁTICA: ENVOLVIMENTO PASSADO E PRESENTE

Meu envolvimento com o skate começou quando eu tinha 5 anos de idade e, por não conhecer o longboard à época, andei de *street skate* até meus 11 anos. Desde então, por influências diversas como internet, amigos de escola e buscas aleatórias comecei a procurar informações sobre o longboard e, assim, tenho me aprofundado em conhecer sua prática e vivenciá-la em meu tempo livre. Quanto mais estudo sobre o assunto, mais consigo aprender sobre a atividade incrível que é o longboard, uma atividade da família das práticas corporais com prancha.

Tal fascínio por essa arte me fez buscar e entender mais sobre sua existência nos tempos atuais e, por meio deste trabalho, gostaria de mostrar aos leitores um pouco desta prática radical.

O longboard começou quando eu tinha ainda 12 anos, em um primeiro contato o longboard downhill slide, que foi a submodalidade que me aproximou da prática. Com o passar do tempo, a busca por locais para incrementar a prática começou a se expandir. Em

prazo de poucos meses, encontrei a ladeira G10, onde iniciei aos finais de semana meus treinos e aprendizado sobre o longboard.

Um fato que mais me chamou atenção foi que alguns skatistas estavam com longboards gigantescos e dropando a avenida com tranquilidade e com manobras diferenciadas. O envolvimento com o clássico veio logo em seguida, após algum tempo de prática, me interessei pelas pranchas alongadas e o surf aos finais de tarde. Foi aí que eu procurei locais da ladeira para me instruir onde eu poderia conseguir um shape daqueles para começar a praticar. Muito além do skate e do esporte, os finais de semana eram marcados por seções energéticas e renovadoras de surf, música, e um pôr do sol mágico que a ladeira G10 proporcionava.

Em 2013 ocorreu um campeonato local na Guarita 10 e eu, ainda jovem, pude participar dele e posso dizer que foi uma das melhores sensações que já tive, pois aquelas práticas não eram apenas esportivas, mas sim de uma consciência corporal acerca do que meu corpo podia fazer. Meu crescimento enquanto pessoa, minha relação com meu corpo, as trocas de afetos com outros praticantes, foram fundamentais para me formarem enquanto sujeito que sou hoje.

Naqueles tempos, um atleta do “Quintal do Ipiranga” (sobre isso falarei adiante), e campeão da competição, me apresentou duas das manobras mais difíceis do longboard clássico: o *Hang Ten* e o *G-turn*. No *Hang ten* o skatista vai até o *nose*<sup>5</sup> da prancha e levanta o *tail*<sup>6</sup> do longboard do chão, este movimento durante a descida é extremamente difícil e para quem observa pode sentir a precisão do atleta ao executá-la.

A outra pode ser colocada no nível da mágica: complicando um pouco mais o movimento, pude observar uma manobra que nunca imaginaria ser possível, o *G-turn*. Ela consiste em realizar o *Hangten* (foto 13) e durante o movimento fazer um *G*, com as rodas da frente apenas e a prancha de quase 2m com o *tail* fora do chão. Realizar esta manobra exige muita concentração, equilíbrio e consistência do atleta. Depois deste dia, soube o quanto a prancha com rodas era incrível e como eu como um atleta iniciante precisava aprender e desenvolver. Logo, portanto, começaram minhas participações em competições esportivas oficiais, como narro agora sobre o campeonato brasileiro.

---

<sup>5</sup> Nose é a parte da frente do shape de skate ou longboard.

<sup>6</sup> Tail é a parte de trás do shape de skate ou longboard.

Mais recentemente, em 2019, na cidade de São Pedro, ocorreu o Campeonato Brasileiro de Longboard Downhill e DHS, no qual participaram grandes “lendas” do esporte nacional, como Sérgio Yuppie, pentacampeão mundial de DHS e hepta brasileiro, que estava acompanhando o filho Fernando. Eu fazia parte desta empreitada, por assim dizer. A seguir gostaria de trazer um relato sobre tais acontecimentos.

Sáímos bem cedo de Campinas em direção a ladeira da ondina em São Pedro, pois o campeonato começava logo de manhã, com a bateria de DHS. Fomos em um carro com quatro pessoas incluindo eu, dois competidores (Rafael “Moaça” e Juliano “Caçõ”) e nosso amigo e fotógrafo “Capela”. Assim que chegamos ao local, o dia de sábado começou nublado e com chuva, mas mesmo com o tempo fechado colocamos as pranchas no asfalto e iniciamos os aquecimentos. Os atletas de Campinas, “Moaça” e “Caçõ” participariam do campeonato Brasileiro de longboard clássico, uma das modalidades-chefe do evento. Devido ao asfalto molhado por conta da chuva, algumas quedas e acidentes logo no início marcaram a primeira parte do dia chuvoso, mas não houve graves acidentes ou lesões. Como se diz no mundo do skate, “cair é parte desta arte”.

Os atletas treinaram no momento em que a ladeira estava disponível e, mesmo com o risco de caírem, souberam concluir sua linha com o asfalto molhado, mandando “slides” e caindo na água com “muito surf” em suas manobras. Com a preocupação à flor da pele, num misto de tensão e expectativa, precisávamos nos adaptar para surfar num dia de chuva como aquele, pois asfalto deslizando e escorregadio é sempre um desafio que deve ser vencido pelos competidores.

Após algumas horas e descidas na ladeira, o tempo nublado e chuvoso começou a dar espaço a um dia ensolarado, no qual foram possíveis as melhores performances. Para descer a ladeira era necessário o uso do capacete, em qualquer modalidade e hora, como será possível observar nas fotos apresentadas logo em seguida. O uso restrito da ladeira era apenas aos atletas equipados com capacete de segurança.

No momento mesmo da competição oficial, os atletas estavam confiantes e a pista seca, todos a mil e a adrenalina no ar, todos os competidores tinham duas chances para demonstrar sua linha na ladeira e assim foi feito. Naquele dia 09 as modalidades eram DHS Legends, Longboard Iniciante, Longboard Legends, Longboard Classic, DHS Iniciante, DHS Master.

A disputa do Longboard Clássico começou na parte da tarde (das 14 às 15:30h), por conta da chuva houve um certo atraso, mas o esporte não deixou de acontecer por conta do tempo. Os atletas diziam que “São Pedro estava de bom humor”, pois limpou o tempo para que pudessem surfar no asfalto. Os atletas campineiros se saíram muito bem, acertando manobras extremamente radicais arriscadas e sempre com muito estilo em seu surf, mostrando um diferencial comparado a outros atletas presentes, mas todos sem exceção, tiveram ótimas performances nas descidas.

Com o final da bateria do longboard clássico, a contabilização dos pontos, a decisão dos juízes, “Moça” e “Cação” conquistaram dois lugares no pódio do Campeonato Brasileiro de longboard de 2019, respectivamente, o segundo e terceiro lugares. O primeiro lugar foi atingido pelo atleta do Quintal do Ipiranga, chamado “Sidão”.

Os atletas campeões foram premiados com camisetas, shapes, rodas, rolamentos, boné e óculos escuros, parafusos, chaves, e muita satisfação e diversão proporcionado pelo surf do asfalto. Um dia de muito esporte, respeito, qualidade de vida, saúde e diversão oferecido pelo evento e pelo comprometimento de todos. Isso prova que o skate (seja ele esportivizado ou simples prática) deve e merece maior atenção e mais investimentos, não por apenas ser hoje aspirante a um lugar olímpico, mas também por representar uma camada social marginalizada e muitas vezes discriminada da população, servindo como uma ferramenta para construção social, ajudando a encontrar jovens talentos do esporte, e da vida.

A descrição deste importante evento esportivo, a partir das minhas memórias, não teve o objetivo de opor de forma binária a prática do skate por meio de códigos esportivos em detrimento de outras práticas de skate mais ligadas ao prazer e aos divertimentos. Mas enfim, a partir das fontes, poderemos evidenciar múltiplas práticas de skate que no tempo ganham protagonismo.

O que se apresentará a seguir, então, são as fontes em um registro tipo catalogação de hemeroteca, na qual jornais são recortados segundo propósitos específicos, de acordo com a visão cosmológica ou ideológica de dado autor. No caso deste trabalho de conclusão de curso, a ideia é um mapeamento dos espaços de prática esportiva e de lazer da modalidade longboard na cidade de Campinas e região.

Segundo De Lucca (2008), “A escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de

interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero ‘veículo de informações’, transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se insere.” (p. 118). Portanto, considero tomar para este trabalho tal perspectiva, uma vez que os jornais impressos que serviram de fonte trazem um registro extremamente fecundo sobre a história do longboard.

### **3.1. Considerações sobre as fontes**

Esta pesquisa tem como base fontes originais, lançadas a partir de jornais e também relatos pessoais de fatos históricos envolvendo a prática do longboard clássico.

Percebi nos registros que, logo de início, um lugar adequado para surfar no asfalto não é assim tão possível quanto se imagina. Nas matérias presentes notamos uma espécie de “aceitação da modalidade” e o crescimento da mesma, em locais distintos, tanto na cidade de São Paulo, quanto de Campinas. Em ambas houve dificuldade para praticar o esporte, que começou com o simples propósito de “surf” sobre o asfalto. As matérias de jornal encontradas são únicas e originais, as quais utilizaremos para investigar mais a fundo as origens e inserções do esporte que se desenvolve a partir de sua esportivização.

Na primeira matéria citada adiante, no jornal Correio Popular (de acesso de grande parte das pessoas, de distintas classes sociais e um órgão tradicional de divulgação na cidade de Campinas), observamos uma aderência do veículo em relação à informação sobre a (nova) prática esportiva e, desde então, passou a fazer parte das pautas correntes dele, quando algum evento de longboard ocorria em fins de semana ou eventos especiais.

A importância da prática foi crescendo paralelamente à sua divulgação, e devido ao número de skatistas utilizando ruas e avenidas dentro da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o então reitor dela em 2005 decidiu fechar uma das avenidas da universidade para promover a prática do skate (e suas submodalidades), de forma segura e adequada.

Sucesso imediato, a G10, assim nomeada, foi reconhecida pelas suas excelentes condições para o esporte. O nome adveio por sua proximidade com uma das guaritas da universidade, a guarita número 10.

Desde a época, o skate na cidade não parou de crescer e em um momento mais adiante um *banks* foi construído no bairro Taquaral (no ano de 2007). Essa submodalidade serve para praticantes de *street skate* e também *longboarders*. Na matéria podemos observar questionamentos por parte dos skatistas presentes no dia e pedidos para construção de mais pistas, pois o skate ficava cada vez mais evidente nas práticas corporais de crianças, jovens e também adultos.

A falta de estrutura tem feito com que o crescimento da prática tenha sido dificultado por inúmeras questões, muitas delas apresentadas nesta pesquisa. Sabemos que atualmente o esporte (no caso, o skate), é visto de outra forma. Sabendo que o mesmo já foi muito marginalizado e podemos aproveitar esta alavanca para impulsionar ainda mais a sua existência e disseminar as práticas culturais que não as convencionais e potencializar experiências positivas que são proporcionadas pela chamada “prancha de asfalto”.

Alguns anos se passaram e em poucos anos a ladeira G10 já contava com um número grande de skatistas treinando aos finais de semana e era comum haver fotógrafos, e pessoas interessadas em observar os surfistas do asfalto e suas pranchas em ação. Isso foi acompanhado pelo veículo de comunicação (Correio Popular) e é demonstrado nas matérias jornalísticas apresentadas a seguir.

Por sua vez, na matéria do Jornal AT, datado de 2012, publicado com fotos profissionais e anunciando a diversão do final de semana na cidade, o retrato da ladeira além de mostrar o lugar da prática, permite-nos entender o motivo de estar lá, treinando e apreciando esta prática. O movimento realizado pelos skatistas é de construção de algo inusitado, no diálogo com a magia (do corpo, da expressão), que vai além do lazer, visto que acaba contribuindo com a juventude, proporcionando a tais jovens uma condição física diferente do sedentarismo. Mas este não é o objetivo desta pesquisa. As fotos feitas pelo jornal parecem mostrar a arquitetura de um novo “estilo de vida” em formação.

Passado mais alguns anos, uma nova matéria sobre o longboard é publicada no jornal *O Distrito*, de Barão Geraldo. Em 2016 a comemoração de 11 anos da ladeira G10 e do longboard clássico em Campinas motivou a matéria, que contou com a presença de um dos ídolos na capa. Nesta entrevista podemos ler e entender o por que Campinas é considerada o berço do skate longboard nacional.

A ladeira é considerada um dos melhores locais para a prática do longboard e também uma das únicas avenidas fechadas exclusivamente para a prática da modalidade. O

veículo é um jornal local, de distribuição generalizada, sem definição de público específico. A pauta enfocada diz mais respeito a um acontecimento que se passa nas dependências do distrito de Barão do que propriamente um evento da cidade de Campinas - aqui a questão de domínio do território está colocado, com certeza.

Portanto, julgo importante afirmar que, passado alguns anos e devido a este processo de expansão da modalidade, se pode falar, dessa forma, em esportivização da mesma. A análise crítica do assunto se torna extremamente necessária. Sabendo disso, me questionei para onde esta prática está caminhando e quais os caminhos e eventuais avanços que o longboard clássico sofreu até sua atual situação, de esporte competitivo.

Na sequência aparecerão as fontes, com pequeno resumo sobre seus conteúdos, as ilustrações dos/as praticantes e suas manobras.

A seguir, portanto, as fontes listadas e comentadas:

## 1.

**Nome do jornal:** Correio Popular

**Data e Local:** Campinas, 1º de junho de 2005.

**Título:** Unicamp reserva avenida para skatistas

**Subtítulo:** A Universidade decide fechar a Magalhães Teixeira ao trânsito de veículos para a prática do esporte somente durante os finais de semana.

### **Matéria**

“Os skatistas que utilizavam as ruas da Unicamp para prática do esporte durante a semana vão ter que se acostumar a treinar menos. Em compensação os dias da prática terão mais qualidade. A universidade vetou os skates nas ruas de segunda a sexta-feira. Mas reservou a avenida -já conhecida entre os skatistas que praticam a modalidade *longboard* (que usa *skates* maiores que os usados em outras modalidades). Nos sábados e domingos, a avenida será fechada aos veículos para que os praticantes andem possam fazer as suas manobras sem se preocuparem”

“Os atletas de longboard estão batalhando há bastante tempo por esse espaço. Isso é um sinal de que estão olhando para o skate em campinas”. Eder Botelho AASK (Associação Amigos do Skate de Campinas)”.

“Conclui dizendo que depois que passado o período de adaptação, a universidade liberasse o espaço também para a realização de competições esportivas.”

“O atleta de longboard Moaça explicou que a avenida é um dos melhores locais em campinas para a prática dessas modalidades. “O longboard precisa de um asfalto bom, liso, o mínimo de trânsito de carros possível e uma boa inclinação. Essa avenida reúne todas as condições necessárias.”

“Há muito tempo os atletas de longboard andam nela, que é conhecida como G-10 porque antigamente a Unicamp tinha dez guaritas, e essa avenida fica próxima de onde estava a décima”.

“Moaça ressaltou que, apesar do trânsito de veículos estar proibido no local, os skatistas não podem esquecer dos equipamentos de segurança. Segundo ele, o capacete é indispensável. Para se proteger ainda mais o praticante pode também usar cotoveleiras e joelheiras.”

“Também é importante que os iniciantes não tenham vergonha de mostrar que estão começando e saibam os seus limites. O esporte é perigoso porque por ser praticado em ladeira a velocidade atingida é alta”, disse Moaça.”

“Conforme o pró-reitor, se os skatistas não respeitarem as regras de segurança podem até perder o espaço exclusivo destinado a prática no esporte na universidade. “Entre as regras de segurança estão não só usar o equipamento necessário como respeitar e ficar restrito aos espaços destinados aos skates”.



**Foto 1** : Rafael Furloni, mais conhecido como “Moça”, pratica longboard na Unicamp.

Na Foto número 1 observamos as origens da modalidade, numa época em que a ladeira G10 (no campus da Unicamp, em Campinas) estava apenas nascendo e se tornando um dos locais de treino dos praticantes de longboard. O aspirante a atleta faz, então, uma manobra clássica conhecida como *frontside slide*, ou slide de frente, onde o longboard derrapa do asfalto com as quatro rodinhas para frente, simulando a rasgada de frontside do surf, com um som marcante ao realizar a manobra. Os *slides*<sup>7</sup> fazem muito barulho ao serem executados pelo skatista o que torna a prática ainda mais interessante, pois a agressividade e estilo presente nessas técnicas surpreende até quem assiste a atividade.

<sup>7</sup> *Slides* são movimentos de chão, derrapadas e podem ser feitos de frente, ou costas e também com movimentos de giro e variações no caso do longboard downhill, que são, o tailslide e o noseslide, 180º slide e 360º slide 540º slide realizando giros com o longboard na ladeira.

## 2.

**Nome do jornal:** Correio Popular

**Data e Local:** Campinas, Segunda-feira, 13 de agosto, 2007.

**Título:** Come Rato 'batiza' a nova pista de skate do Taquaral.

**Subtítulo:** Ele é considerado uma das lendas do skate brasileiro e aprovou a pista construída em Campinas.

**Matéria:**

"A nova pista de skate de Campinas, construída no parque do taquaral foi "batizada" ontem por Luis Jesus Gomes, o "come rato", uma das lendas do skate brasileiro. "É uma pista divertida, fácil pra se andar", afirmou o skatista que pratica o esporte há 36 anos. A pista construída pela prefeitura de campinas tem 350m<sup>2</sup> e custou R\$ 73 mil."

"Come Rato", que em 1990 foi o primeiro brasileiro a ser capa de uma revista internacional especializada em skate, a inglesa skateboard, aprovou a pista de Campinas."

"Está dentro das normas e facilita para as crianças aprenderem o skate"

"O skatista aproveitou para "deixar um pedido" ao prefeito Hélio de Oliveira "É preciso, agora, que outras pistas sejam construídas em comunidades carentes onde existem um potencial grande". "É preciso que as pistas fiquem mais perto daqueles que, muitas vezes, não tem dinheiro para chegar até um lugar como este".

"A pista apropriada para a modalidade banks, foi inaugurada com um campeonato começou no sábado e terminou ontem com a participação de pelo menos 200 atletas nas categorias kids, mirim, iniciante, amador, longboard, sênior, master, grand master e legends."

"A pista tá legal. Talvez precise de alguns reparos. Mas serão poucos. Está aprovada". Disse Guilherme Guimarães Azevedo silva, de 15 anos, o "quedinha", da equipe Da Vula, terceiro colocado, sábado, na categoria longboard."

"Rafael Furloni, o Moça, de 27 anos, disse que a pista tem "condições perfeitas". O skatista campineiro, que foi sétimo colocado de longboard, disse que vai usar a nova pista para desenvolver um projeto que tem objetivo de ensinar a prática do skate para crianças e adolescentes."

"Vamos trabalhar com 50 pessoas de sete a 17 anos. Além do skate iremos ensinar cidadania. Talvez sejam novos talentos do esporte, mas, o importante, será ajudar a criar pessoas de bom caráter". Comentou.



**Foto 2** : Skatista no banks, Taquaral, Campinas.

Na foto 2 temos a representação de skatistas inaugurando o *banks* (modalidade descrita no final do trabalho) no entorno da lagoa do Taquaral (ou Parque Portugal), importante cartão postal da cidade. Essa representatividade dos mesmos nos permite olhar para o passado e descobrir que a infraestrutura para o skate sempre foi algo que muitos atletas, adultos jovens e crianças buscam para que a atividade ocorra sempre com segurança e visibilidade. Nem sempre foi fácil ter espaços adequados (ou mesmo permitidos) para a expressão do skate e de quaisquer de suas submodalidades. Apesar da pista ter sido aprovada, notamos na matéria que ainda um único banks é pouco quando comparamos o impacto do esporte na vida destas pessoas.

### 3.

**Nome do jornal:** Jornal AT, Segundo Caderno, jornalismo cidadão.

**Data e Local:** Campinas, 27 de outubro de 2012.

**Título:** Unicamp Lá vou eu!

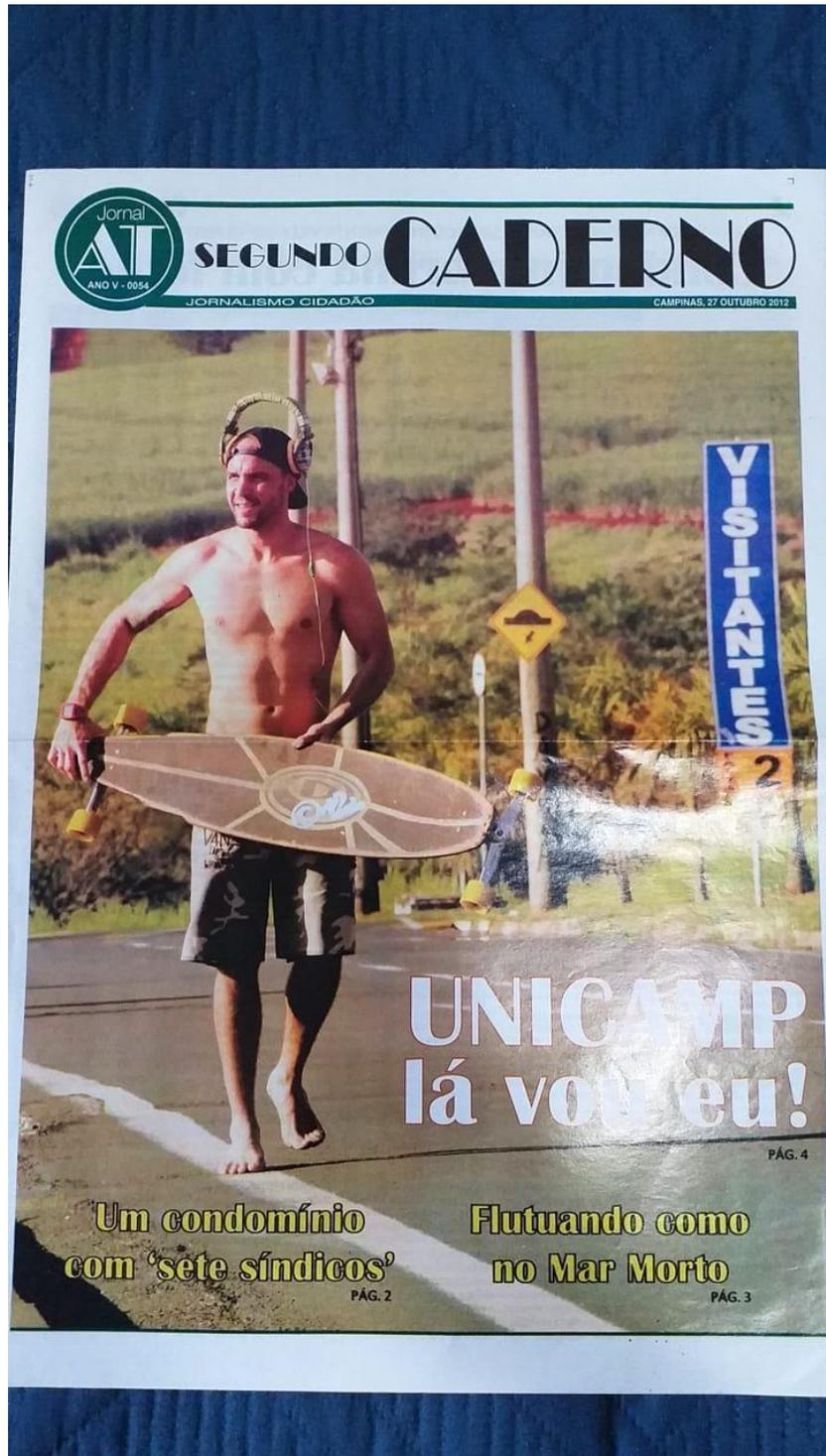
**Matéria:**

“É domingo na UNICAMP: as tardes de domingo, quando as cabeças pensantes da Unicamp descansam, as ruas ganham uma nova, colorida e agitada programação.”

“Jovens passaram a usar as pistas de acesso à universidade para manobras radicais sobre rodinhas. Lucas Sid’ Vieira tem registrado a aventura em fotos como esta.”



**Foto 3** : Lucas Sid, Fotógrafo. “Tubos” na ladeira.



**Foto 4** : Rogério Andriolli, Voltando do drop na ladeira G10 unicamp.

Na sequência, as fotos 3 e 4 são de uma revista na qual dois antigos praticantes (já influentes na prática) aparecem descontraidamente no cenário do longboard. Os tubos na ladeira eram a diversão dos finais de semana em Campinas, como podemos observar na foto número 3, na qual se vê duas pessoas dentro de um tubo feito de canos PVC e um tecido

elástico, com o intuito de simular um tubo durante o drop no asfalto. A foto 4 mostra Andreoli voltando de uma manobra (e orgulhoso dela), com sua prancha na mão e com um sorriso no rosto, num cenário conhecido e já dominado.

No conjunto das ilustrações que estão reunidas na foto 3 vê-se, igualmente, mulheres dominando a cena, imiscuídas na prática junto com os rapazes. Isso mostra não apenas como o longboard é “para todos”, como também se vê uma possibilidade de pensarmos nas problemáticas de gênero do contexto. Em tempo: todas as pessoas que quiserem podem “surfear no asfalto”, independente de seu sexo/gênero. No entanto, apesar de eu notar uma indiferenciação entre homens e mulheres nas práticas do longboard, não tenho elementos (e nem é o espaço para isso) de observar analiticamente questões mais profundas sobre o debate da diferenciação de gênero no campo das práticas de skate e suas submodalidades.

#### 4.

**Nome do jornal:** Jornal Integração

**Data e Local:** Barão Geraldo, 05 a 19 de junho de 2016

**Título:** Skate Longboard comemora 11 anos no espaço Unicamp

**Matéria:**

“O skate longboard de Campinas comemorou neste 1º de junho 11 anos do espaço destinado aos skatistas na Unicamp (conhecida como ladeira G-10) segundo o atleta de longboard skate!!! – “Acredito ser a primeira ladeira do Brasil a ser fechada para a prática da modalidade” Ressalta Moaça... Campinas e especialmente Barão Geraldo pode ser considerada um dos berços do skate longboard nacional.”

Rafael Moaça Furloni. 36 anos

Modalidade – Longboard Classic/longboard Bowl

Tempo de skate: 22 anos

Resultados- 3º Colocado circuito brasileiro de longboard banks 2008( cbsk)

3º colocado ranking nacional longboard Classic 2015 (slide liga Brazil)



**Foto 5:** Moça acertando um “back side slide” no longboard Clássico.

Na foto 5, temos Rafael “Moça” cravando um *backside slide*, também simulando a rasgada de *backside do surf* e no dia em questão comemorando 11 anos da ladeira G10 e da existência do longboard Clássico em Campinas.

As fotos trazidas anteriormente pertencem a jornais que retratam o skate e o longboard clássico na cidade de Campinas. Do ponto de minha experiência e levando em conta o que diz Geertz (2011) na introdução de seu livro, é difícil pensar sobre o fenômeno quanto mais próximo se está dele. Vou tentar, portanto, circunscrevê-lo, entendê-lo a partir dessas fontes trazidas e ponderar sobre o processo de transformações pelo qual passa o longboard.

### 3.2. Outros documentos escritos

Tão importante quanto as matérias jornalísticas também são outros documentos, que como considera De Lucca (2008), compõem a vasta possibilidade de investigação. Nesta seção apresento dois documentos que estão vinculados à origem da modalidade. São eles: o “Quintal do Ipiranga”, manifesto pela existência do longboard, e o regramento oficial da modalidade. Os destaques em **negrito** foram feitos por mim para chamar atenção aos aspectos importantes relativos ao estabelecimento da modalidade.

No primeiro documento citado (o “Quintal do Ipiranga”), é nítido a narrativa sobre as dificuldades da prática em se desenvolver a modalidade. Observamos forças contrárias ao skate e ao longboard quando pensamos no crescimento da atividade como possibilidade de esporte e também de lazer.

A proibição é algo que o skate vem sofrendo de tempos em tempos desde a metade do século XX, quando era considerada crime por Jânio Quadros (MACHADO, 2012). Nesta época surgiu o movimento de skatistas e uma das frases mais recorrentes da época era, *Skateboard não é crime*, e em concordância com o compositor Gustavo Ribeiro<sup>8</sup>, rapper de Niterói, *Skateboarding é ciência avançada*.

E de acordo com o “rapper” faço deste um ato de ciência, na tentativa de colaborar com a historiografia do skate longboard, algo necessário em tempos de mudanças e de reestruturações na esfera do esporte convencional.

O Quintal do Ipiranga” é um local muito importante para a prática do longboard. Associação dos skatistas locais de São Paulo, o Quintal do Ipiranga, surgiu com o intuito de defender o skate dentro do Parque Estadual Museu do Ipiranga, uma ladeira extensa e larga perfeita para a modalidade e foco de atletas de longboard clássico.

Semelhante ao que aconteceu em Campinas, a modalidade também encontrou dificuldades para existir e se propagar, como observamos no relato, após o 1º Campeonato de Longboard na ladeira do Quintal, em 2010, que foi um sucesso e contou com mais de 10 mil pessoas. Desde, então, a CBSK concordou em analisar a prática e colocá-la como uma modalidade oficial do skate longboard.

Após o campeonato, durante uma reunião dos órgãos internos do Museu do Ipiranga tentaram trazer de volta o Decreto de lei (instituído por Jânio Quadros em 1988, quando foi prefeito de São Paulo pela segunda vez) proibindo a prática de skate no local. E

---

<sup>8</sup> Gustavo Ribeiro, Black Alien. Música - Skate no pé - feat. parteum e kamau

acaso skatistas utilizem a ladeira haveria a chance de serem detidos, e ter seus skates tomados e levados pela polícia.

Foi então que a associação do Quintal decidiu se movimentar e uma reunião entre a diretoria da associação e do parque foi marcada e este movimento ficou conhecido como “grito do ipiranga”: cerca de 500 skatistas se reuniram para lutar e reivindicar o espaço para o skate/longboard.

A conquista do espaço também aconteceu e a maior vitória do skate paulista havia se concretizado e o decreto foi derrubado (como consequência, o local foi liberado para a prática do esporte radical). Desde então o esporte também sofre o mesmo processo de esportivização e muitos campeonatos vem acontecendo, marcados cada vez mais com a presença do surf clássico nas competições do skate.

Em 2012 a modalidade foi oficializada após o presidente da associação enviar um caderno técnico do longboard clássico para a CBSK. E no ano de 2013 aconteceu o primeiro campeonato exclusivo da modalidade no mundo, Red Bull Long Classics. Nos anos seguintes, o longboard clássico cresceu e vem se fortalecendo graças ao comprometimento de atletas e praticantes.

A seguir, este importante documento-manifesto que nos conta um pouco mais da história da modalidade.

## QUINTAL DO IPIRANGA

“Constituída em 21 de julho de 2009 por um grupo de skatistas locais do Parque da Independência em São Paulo, a Associação de Skatistas Quintal do Ipiranga foi criada com o intuito de defender a prática do skate no Ipiranga”.

“Com o crescimento desordenado da prática do skate na ladeira do parque da independência surgiu por parte dos órgãos competentes a ideia de fazer valer uma lei de 1988 que proibia a prática de skate em São Paulo. Um grupo de skatistas decidiu então que era hora de lutar pelo seu estilo de vida e por seu esporte, um movimento já existente no parque chamado de Quintal do Ipiranga torna-se então uma associação com estatuto registrado no 1º cartório de notas de São Paulo, nasce aí à associação de skatistas Quintal do Ipiranga”.

“Nos pouco menos de 2 anos de existência o Quintal do Ipiranga já coleciona vitórias de extrema importância para o skate nacional. em maio de 2010 é realizado o campeonato conhecido como 1º independência ao Longboard que junta quase 10 mil pessoas

na ladeira do parque e consegue o feito de entrar para o circuito nacional de skate longboard da CBSK”.

“Neste mesmo evento é lançada uma categoria criada pelos diretores da associação e praticada por muitos locais do museu, **o Longboard Classic é um sucesso absoluto e imediatamente desperta o interesse da Confederação Brasileira de Skate, que analisa a criação de uma nova modalidade oficial no skate longboard**”.

“Dois meses após o campeonato, durante uma reunião do conselho gestor do parque, a pior notícia que se poderia esperar, o skate na ladeira seria proibido e quem estivesse andando de skate nas dependências do parque seria preso e teria seu carrinho apreendido pela polícia”.

“Em 24 de julho de 2010 o Quintal do Ipiranga realiza o movimento que ficou conhecido como “O Grito do Ipiranga”, movimento que trouxe ao parque cerca de 500 skatistas que reivindicaram o direito de andar de skate no parque e em qualquer lugar de São Paulo. Depois de semanas de debates e de forte pressão dos skatistas é marcada uma reunião entre a diretoria da associação, membros da Secretaria dos esportes, do conselho gestor do parque e da Secretaria do Verde Meio Ambiente de São Paulo”.

“A reunião acontece no próprio parque com um clima tenso e presença da polícia, ao final da reunião a maior vitória do skate paulista, o skate fica no parque e o decreto lei de 1988 é derrubado”.

“Começa então uma nova fase da Associação, uma fase de luta pelo esporte e de reconhecimento da associação como principal entidade sem fins lucrativos a representar o skate em São Paulo”.

“Em janeiro de 2011 quatro membros da diretoria da associação são eleitos conselheiros gestores do parque da Independência na maior votação da história do parque”.

“Em Junho de 2011 acontece o campeonato “2° Independência ao Longboard”, abertura do circuito brasileiro de skate longboard com peso de 3 estrelas no ranking, e que reúne **mais de quinze mil pessoas no parque e tem o maior número de atletas inscritos da história do longboard Brasileiro**. Ao invés de taxa de inscrição são arrecadados cerca de 500kg de alimentos que posteriormente são doados a uma instituição de caridade do bairro”.

“Em 2012 o Quintal consegue mais uma vitória, colocando seu campeonato, o 3º Independência ao Longboard, no calendário de atividades da virada esportiva de São Paulo realizando o maior campeonato da modalidade no Brasil. Neste mesmo ano outros 2

campeonatos colocam a modalidade Longboard Classic em seus eventos (Overmeeting – Brasília e Gás inflamável – São Pedro), **após isso o presidente da Associação Quintal do Ipiranga (Bruno R. Hupfer) envia o caderno técnico para a CBSK, que oficializa a modalidade como parte do quadro de modalidades do skate brasileiro**”.

**“Em 2013 acontece o Red Bull Long Classics, primeiro evento exclusivo da modalidade Longboard Classic no mundo.** O evento tem cobertura da rede globo e matéria de 7 minutos no esporte espetacular explicando a modalidade”.

“Em 2016, após anos de luta e campanhas de conscientização, a lei de uso obrigatório de capacete na ladeira do parque da independência em SP (Museu do Ipiranga) é sancionada e publicada. E em 2019, com ajuda da Federação Paulista de skate, o Quintal do Ipiranga doa um projeto de pista de skate em padrão olímpico (Street e Park) para a prefeitura de São Paulo, pista essa que será construída ao lado do parque, fazendo com que o mesmo se torne o único complexo a abrigar quase todas as modalidades de skate em um só lugar”.

“Em 2019 a associação faz 10 anos e em comemoração, realiza a 9ª independência ao longboard, que dentre as tradicionais modalidades sedia a final brasileira de Slalom 2019.”

“Atualmente a Associação Quintal do Ipiranga atua em âmbito nacional, e **com objetivo de transformar o skate no maior esporte do país.** Durante os 10 anos de existência do Quintal o caixa da associação sempre esteve zerado, o Quintal nunca arrecadou dinheiro que não fosse prontamente convertido em algo para os skatistas do parque, todas as vitórias descritas acima foram frutos de apenas duas coisas, o amor ao skate e a amizade”.

“Esta é uma história real e concretizada por pessoas que continuam lutando pelo que acreditam, pessoas que doam seu tempo, seu dinheiro, seu comprometimento e sua vontade pela paixão pelo skate” ...

Bruno R. Hupfer A. S.

Quintal do Ipiranga Presidente

Em seguida, apresentamos o caderno técnico da modalidade, com a prescrição das regras. Isso é importante para mostrar que, em dado momento, foi necessário um consenso sobre uma prática convencionalizada no coletivo, muito à semelhança do que ocorreu com o futebol, por exemplo, ainda nos anos iniciais na Inglaterra (GAMBETA, 2015).

Desde que o longboard clássico foi tido como oficial e registrado pela Confederação Brasileira de Skate (CBSK), como uma submodalidade do skate, algumas regras

foram definidas e com estas elas a modalidade passou a contar com campeonatos e competições em vários cantos do Brasil. Tais regras nos permitem ter uma visualização melhor de como a prática ocorre e como é feita a contagem de pontos nas disputas, o que é válido e o que não é.

## REGRAS PARA O LONGBOARD DOWNHILL CLASSIC

1 – Conceito Descer uma ladeira surfando-a como se fosse uma onda em um Skate de mais de 50 polegadas, aproveitando toda sua extensão e largura executando manobras, denominadas Slide(derrapar) e Walking ou qualquer manobra que não descaracterize o fato de descer a ladeira.

2 – Categorias Open Masculino e Feminino – Atletas de todas as categorias.

3 - Critérios de julgamento Serão avaliados os seguintes critérios: Fluidez, Estilo, Aproveitamento do Shape, Aproveitamento da Ladeira, Dificuldade das Manobras, Velocidade e Criatividade.

Descrição dos critérios: - Dificuldade das manobras: para uma melhor pontuação é necessário observar as suas variações que são *Backside, Frontside, Giro, Travada, Switch Stance, Fakie, Walking, Nose Willy*.

- Velocidade: quanto maior a velocidade alcançada na descida executando as manobras, melhor será a pontuação, desde que não descaracterize o estilo clássico.

- Estilo: consiste na plasticidade que o atleta consegue colocar nas manobras executadas, encaixando-as em uma linha constante.

- Aproveitamento da ladeira: utilizar as três divisões da ladeira – canto direito, canto esquerdo e meio – quanto melhor este aproveitamento mais alta será a nota.

- Criatividade: consiste na forma como o skatista coloca manobras diferenciadas e inovadoras durante a descida em relação aos demais competidores.

- Fluidez: É a execução de todos os critérios de avaliação de uma forma segura, sem erros, harmoniosa e sem descaracterizar o Estilo Clássico/Surf .

- Aproveitamento do Shape: consiste na utilização total do shape, e a diversidade de manobras clássicas, aproveitando o tamanho do Shape (Ex: Walking, Hang Ten, Nose Willy e etc.).

4 - Ordem dos Critérios de julgamento: 1- Fluidez 2- Estilo 3- Aproveitamento do Shape 4- Aproveitamento da Ladeira 5- Dificuldade das Manobras 6- Velocidade 7- Criatividade

5 – Notas: De 30 a 90 com variação de 0,5 pontos.

6 – Formato do Campeonato: Os campeonatos de Longboard Downhill Classic serão realizados de duas maneiras:

1 – Tradicional: (Qualificação) Duas Voltas por competidor sendo somadas as notas e divididas por dois.

2 – Free Session:(Baterias) serão baterias com 4 atletas cada, sendo 2 cabeças de chave pré-selecionados pela classificação do ranking Quintal do Ipiranga do ano anterior e mais 2 da volta de Qualificação.

Cada bateria terá 20 minutos de enfrentamento, os atletas podem realizar um máximo de 12 voltas cada um desde que respeitando os critérios de preferência.

3 – Free Session: (Finais) será uma bateria de 20 minutos com o campeão de cada bateria anterior e enfrentamento entre os mesmos.

4.a. – Critérios de Preferência: a ordem inicial será decidida de acordo com a ordem de inscrição dos atletas, esta ordem deverá ser seguida durante toda a competição.

4.b. – Critérios de Preferência: a volta só será válida quando o atleta largar do topo da ladeira.

4.c. – Critérios de Preferência: depois da primeira volta, o atleta com a preferência passa a ser aquele que chegar primeiro ao Gate de Largada da ladeira, este terá direito de iniciar sua volta sem interferência dos outros competidores, assim que for liberado pelo fiscal de prova.

4.d – Critérios de Preferência: O atleta que tiver não tiver a preferência não poderá de maneira alguma ultrapassar o atleta que estiver com a preferência enquanto este estiver fazendo a sua volta. Se isso ocorrer, a volta do infrator será desqualificada e sua nota zerada.

4.e – Notas: ao final dos 20 minutos serão selecionadas as 3 maiores notas de cada juiz, estas serão somadas e aquele que tiver a maior pontuação acumulada será o vencedor.

4.f – Critérios de desempate: no caso de empate na soma das 3 melhores notas, o desempate se dá pela 4º melhor nota, permanecendo o empate a 5º melhor nota será avaliada, persistindo o empate os atletas dividem a premiação e o lugar no pódio.

**Programa oficial do  
Campeonato Brasileiro longboard downhill e downhill slide em 2019<sup>9</sup>**

“A cidade de São Pedro (interior de São Paulo) receberá entre sexta e domingo (8 a 10 de novembro) o Campeonato Brasileiro de Longboard Downhill e Downhill Slide (DHS), modalidades em que o Brasil é destaque internacional. A competição será realizada na ladeira da Ondina, que fica na Avenida Elizir Silva, s/n, no bairro Nova São Pedro 2.

O uso de capacete será obrigatório em todas as categorias. A inscrição na categoria Profissional tem valor de R\$100,00. Todas as demais custam R\$50,00.

O Campeonato Brasileiro de Longboard Downhill e Downhill Slide é realizado pela Confederação Brasileira de Skate (CBSk) em parceria com a Federação Paulista de Skate (FPS), a Vampiros do Asfalto e a Prefeitura de São Pedro.

O evento conta com colaboração da Crazyboard, Curva de Hill, Edem Skate, Esze, Hocks, Six Trucks, Stronger, Shock e WNF. Apoio da Black Sheep, Intruder, Surfavel, Woodlight e Your Face”.

**Cronograma**

**Sexta (08)**

10h - Treinos livres

**Sábado (09)**

9h às 9h45 - DHS Legends

10h às 10h45 - Longboard Iniciante

11h às 11h45 - Longboard Legends

12h45 às 13h45 - Intervalo de almoço

14h às 15h30 - Longboard Classic

15h45 às 16h45 - DHS Iniciante

17h às 17h50 - DHS Master

**Domingo (10)**

9h às 9h45 - Longboard Master

10h às 10h45 - Longboard Feminino

11h às 12h20 - DHS Amador

12h25 às 14h - Intervalo de almoço

---

<sup>9</sup> A programação está no seguinte site: <<http://www.cbsk.com.br/noticias/noticias/disputas-de-sabado-definem-seis-campeoes-no-brasileiro-de-longboard-downhill-e-downhill-slide/1745>>.

14h10 às 13h - Longboard Amador  
15h10 às 15h50 - DHS Profissional  
16h às 16h50 - Longboard Profissional



**Foto 6** : Juliano “Caçõo” na ladeira da Ondina, *walking* longboard clássico.



**Foto 7** : Pódio do Campeonato Brasileiro de longboard Clássico, São Pedro 2019.

**CAMPEONATO BRASILEIRO**  
**LONGBOARD DOWNHILL E DHS** CBSK

GUARDE ESSA DATA NA SUA AGENDA,  
 DIAS 08, 09 E 10 DE NOVEMBRO EM SÃO PEDRO ACONTECERÁ  
 O CAMPEONATO BRASILEIRO DE LONGBOARD DOWNHILL E DHS!  
 LOGO MAIS NOVAS INFORMAÇÕES.

<p>ORGANIZAÇÃO:</p> 	<p>REALIZAÇÃO:</p>  <p>Coordenadoria ESPORTES E LAZER</p>	<p>COBERTURA:</p>  <p>map</p>	<p>APOIO:</p> 
---	--	--	--

**Foto 8** : Flyer do Campeonato Brasileiro de longboard downhill e dhs.

A foto 6 foi realizada no Campeonato Brasileiro de Longboard e mostra o atleta campineiro “cação” realizando um *walking*, manobra que simula o surf longboard, na qual o surfista caminha sobre a prancha enquanto “dropa” a onda. Esta manobra nos dá a impressão de fluidez ao skatista (ou surfista) nos momentos em que desliza sobre a prancha na ladeira.

Ela ainda mostra o momento de comemoração da disputa do *longboard clássico*, em primeiro lugar, “Sidão” do Quintal do Ipiranga-SP, segundo lugar, Rafael “Moaça” de Campinas, em terceiro lugar, Juliano “Cação” também da ladeira G10.

Por último visualizamos um flyer, que promove o evento, aparece para fazer promoção do campeonato.

### 3.3. Fotos de profissionais

Nos eventos de longboard há também a presença de fotógrafos profissionais registrando as manobras radicais e mesmo os movimentos básicos da modalidade. A seguir, tratei de alguns exemplos, no sentido de ilustrar as explicações sobre as submodalidades, sobre as quais comentarei, e que podem significar mais do que “relatos visuais”.

Aqui é importante ressaltar tais “fontes” - se posso assim chamar esses registros profissionais -, pois são olhares outros, de terceiros, que têm uma formação qualificada. Ou seja, quero dizer que com o registro profissional há, além da narrativa do próprio grupo que mostra e articula a ação com a veiculação (por meio de elementos de dentro), outro olhar que é de alguém de fora e que é qualificado para registrar momentos de um fenômeno em expansão. Mais um elemento, portanto, que chama atenção e se agrega ao processo que já defini e me referi algumas vezes de esportivização.



**Foto 09:** Rafael “Moça”, surfando o asfalto na Unicamp.



**Foto 10 :** Juliano “Cação” Ladeira G10, *Walking*.



**Foto 11** : Matheus Meneses, “Rasta”, na ladeira G10 Unicamp, 2019.



**Foto 12** : “Rasta” na Ladeira da Ondina, São Pedro, 09 novembro de 2019.



**Foto 13:** Matheus Meneses, manobra *Hang Ten*.

## 4. CONCLUSÃO

Um objetivo subjacente a toda descrição e detalhamento da modalidade longboard clássico foi avaliar em que medida ela se disponibiliza como formadora de cidadania, a partir de uma prática corporal desprovida de interesses outros que o da valorização da participação e engajamento. Percebemos, após trabalhar com as fontes e mesmo pela narrativa de meu olhar, que a modalidade confere certo caráter de construção dessa cidadania para jovens, entre 15 e 20 anos, de certa classe social.

A prática também é mais uma forma de fazer com que o esporte chegue até estes jovens, muitas vezes à margem da sociedade, e lhes permite uma nova visão sobre a rua, a escola, a vida e mesmo a alteridade (o mundo ao seu redor). “Surfar no asfalto” representa o estilo, a atitude, o caráter e a coragem; subir na prancha e remar, sentir o vento no rosto e apreciar a paisagem, livre de paradigmas, modelos, monetarizações e outros processos cooptadores. Uma prática onde pessoas de todas as idades podem conhecer a si mesmo novamente e descobrir novas formas de aproveitar a vida, de maneira saudável, com mais qualidade e muita adrenalina.

Por meio do entendimento de que o longboard clássico é uma prática corporal em ascensão, defendo que ela continue livre e espontânea, como uma forma de emancipação de jovens que a utilizam para se expressarem. Nesse ponto, concordo com Pedro Emmanoelli (2010) quando cita Allen Guttmann, sociólogo do esporte estadunidense, o qual afirma que a sociedade capitalista atual não necessita de “mais esportes” e sim, “mais brincadeiras”, pois ao passo que os esportes reprimem, as brincadeiras emancipam.

Nesse jogo de classificação (ou taxonomização) de práticas corporais que potencialmente podem se transformar em esportivas, faz-se importante notar que o sistema capitalista opera - via meios midiáticos e redes sociais - como um sistema cooptador, valorando práticas no sentido de atribuir-lhes um cifrão, monetarizando-as. Isso é tudo o que o longboard clássico não precisa.

A modalidade vem ganhando espaço e se tornando cada vez mais conhecida, crescendo junto ao skate e conquistando jovens e adultos. Para os que se interessam e não conheciam a modalidade, a pesquisa nesta área pouco aprofundada vem, por este estudo, proporcionar um pouco do esporte aos leitores. E aqueles que já conheciam a prática, espero que seja possível observar de um ponto analítico a modalidade e entender um pouco mais de

sua essência. Andar de skate sempre foi/será um ato revolucionário, seja ele na pista, na rua, na ladeira, na pista ou na piscina. Em tempos atuais, sofremos com a pressão da pandemia Covid-19. O recado não deixou de ser dado pelos skatistas e longboarders da ladeira G10.

Como podemos observar na foto 13 (a seguir apresentada), o aviso para todos se cuidarem quanto ao uso da máscara está demarcado no asfalto junto das marcas dos *slides*. É muito importante ressaltar o fato de que a ladeira esteve fechada para qualquer tipo de atividade durante a quarentena, e esperamos que com o retorno das atividades, o “surf no asfalto” possa voltar a acontecer normalmente neste local único e onde a modalidade se diferencia das demais expressões da vida, potencializando ventos de transformação.



**Foto 14** : Juliano “cação” na ladeira G10 durante a pandemia covid 19.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Marília M.; RIBEIRO, Olívia. C. Sobre os Profissionais da Aventura: Problemas da Atuação na Interface Esporte e Turismo. **Licere** (Centro de Estudos de Lazer e Recreação. Online), v. 18/n.3, p. 116-157, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. São Paulo: Edusp, 2007.
- DE OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, p. 13-37, 1996.
- DURHAM, Eunice. Malinowski: vida e obra. In: MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Victor Civita, 1976. p. VI-XXIV.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto moderno: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992. p. 187-220.
- EMMANOELLI, Pedro Bellini. **O esporte segundo Allen Guttman**: um diálogo com seus modelos ideais. Trabalho de Conclusão de Curso (FEF), UNICAMP/Campinas, 2010.
- FORTES, Rafael. **O surf nas ondas da mídia**: esporte, juventude e cultura. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- GAMBETA, Wilson. **A bola rolou**: o velódromo paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916. São Paulo: SESI editora, 2015.
- GEERTZ, Clifford. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.
- GOODY, Jack. **O roubo da história**: como os ocidentais se apropriaram das ideias e invenções do Oriente. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.
- MACHADO, Giancarlo Marques Carraro. Dilemas em torno da prática do street skate em São Paulo. **Esporte e Sociedade**, n. 19, 2012. p. 01-24.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Victor Civita, 1976.
- VAMPLEW, Wray. História do esporte no cenário internacional: visão geral. **Revista Tempo**. (Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo). v. 19, n. 34, jan-jun 2013. p. 05-17.